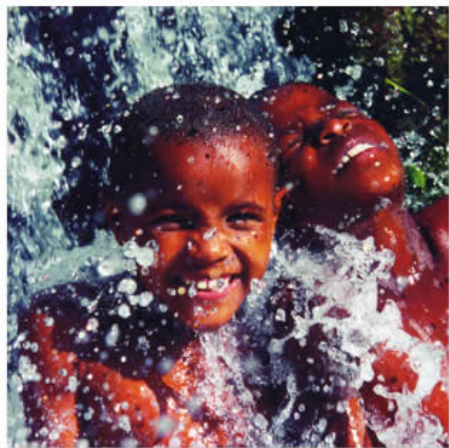


1 DE JUNHO: DIA MUNDIAL DA CRIANÇA



Pelo direito a uma infância. O

Comércio Justo combate a exploração do trabalho infantil.

Leia o testemunho de Drissa do Mali, jovem escravizado desde os 5 anos até ser adolescente:

«Trabalhei nas plantações de cacau da Costa do Marfim, de madrugada até ao pôr do sol, a plantar e a apanhar as sementes de cacau. Como, praticamente, só me davam banana seca para comer durante meses a fio, tinha fome e fui ficando cada vez mais fraco. Se trabalhava mais devagar, batiam-me. Quando tentei fugir, fui espancado brutalmente. Sentia-me um escravo.»

Tal como Drissa, mais de 200 milhões de crianças do hemisfério Sul são obrigadas a trabalhar. Quase 200 milhões desempenham trabalhos extremamente duros, em condições perigosas, colocando mesmo as suas vidas em risco. Muitas trabalham para nos fornecer os produtos de que mais gostamos como os chocolates. Muitas destas crianças trabalham para ajudar à sobrevivência das

famílias. Quando perdem os pais, por exemplo, devido à guerra ou à SIDA têm de trabalhar para a sua própria sobrevivência.

O Comércio Justo garante acesso à saúde, à educação e o desenvolvimento pessoal e social das crianças. Parte do dinheiro gerado pelo Comércio Justo contribui para financiar projectos de desenvolvimento das comunidades, como a construção de escolas e de serviços hospitalares.

Os produtores no Comércio Justo têm voz activa na forma como as suas cooperativas funcionam e as condições de trabalho respeitam as leis internacionais e os direitos humanos.

Ao adquirir produtos de comércio justo tem certeza que não há trabalho infantil naquele(s) produto(s).

PELO MENOS NESTE DIA, PENSE NAS CENTENAS DE CRIANÇAS QUE CONTINUAM A SOFRER MAUS TRATOS, DE DOENÇAS, FOME E DISCRIMINAÇÕES, E PENSE NAS SUAS CRIANÇAS, NOS SEUS FILHOS E FILHAS OFERECENDO OU FAZENDO UMA FESTA COM PRODUTOS DE COMÉRCIO JUSTO QUE MIMAM AS CRIANÇAS EM AMBOS OS HEMISFÉRIOS DO MUNDO!

5 DE JUNHO: DIA DO AMBIENTE

O COMÉRCIO JUSTO E O AMBIENTE

As pessoas pobres dos países em desenvolvimento são particularmente vulneráveis aos efeitos das alterações climáticas porque estão mais expostas às suas consequências, são mais sensíveis às mudanças e têm menos

capacidade de adaptação às novas condições ambientais.

O Comércio Justo combate a pobreza ao vender os produtos dos produtores e dos pequenos agricultores no estrangeiro. Ajuda milhões de pessoas a fugir à pobreza. Compromete-se a pagar um salário mais justo e a trabalhar

com base em relações de trabalho de parceria de longo prazo. Assim os produtores conseguem (re)investir em produções amigas do ambiente minimizando o impacto da exploração agrícola sobre o ambiente. Por outro lado, este tipo de iniciativa promove a consciência

ambiental tanto a nível local como internacional.

O Comércio Justo aconselha e dá formação aos produtores sobre como minimizar o impacto das suas produções em termos ambientais. E também apoia os grupos de produtores a desenvolver projectos sociais, de educação e de saúde.

Para reduzir a "pegada ecológica" dos produtores e dos seus produtos, o Comércio Justo promove a utilização sustentável de recursos naturais, renováveis ou reciclados e

métodos de produção menos poluentes.

No artesanato, o Comércio Justo privilegia o artesanato produzido à mão e a produção em pequena escala. No caso da agricultura, apoia a agricultura biológica.

DIA MUNDIAL DO AMBIENTE OS PRODUTOS BIOLÓGICOS

O Comércio Justo tem vindo a sensibilizar e a incentivar os

produtores a optarem, sempre que possível, pela agricultura biológica.

As cooperativas de produtores de café como a Central de Cooperativas cafetalaras del norte (CECOCAFEN) (Nicarágua), Sidama Coffee Farmers Cooperative Union (Etiópia), COOPFAM – Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (Brasil), UCIRI (México) e Associação Chajulense Va'l Vaq Quyl, optaram por reconverter as suas plantações de café à agricultura biológica, por exemplo.

NOVIDADES NA PRATELEIRA

JÁ PROVOU?

BRIBON: CHOCOLATE BIOLÓGICO



BREVE HISTÓRIA DO CACAU

Quando os primeiros colonizadores espanhóis chegaram à América, o cacau já era cultivado pelos índios, principalmente os astecas, no México, e os maias, na América Central. De acordo com os historiadores, a planta do cacau, chamada cacahuatl, era considerada sagrada. No México os astecas acreditavam que esta era de origem divina e que o próprio profeta Quatzalcault ensinara ao povo a cultivá-la como alimento e para embelezar os jardins da cidade de Talzitapec. O seu cultivo era

acompanhado de cerimónias religiosas solenes.

Este significado religioso provavelmente influenciou o botânico sueco Carolus Linneu (1707–1778), que denominou a planta de *Theobroma cacao*, que significa "manjar dos deuses".

Os índios consideravam as sementes de cacau tão valiosas que as usavam como moeda. 400 sementes valiam um countle e 8000, um xiquipil. O imperador Montezuma costumava receber anualmente 200 xiquipils (1,6 milhões de sementes) como tributo da cidade de Tabasco, o que corresponderia hoje a aproximadamente 30 sacas de 60 quilos. Diz-se que um bom escravo podia ser trocado por 100 sementes.

EL CEIBO – BOLÍVIA

El Ceibo é não só o nome de uma árvore tropical típica tida como imortal, mas também de uma cooperativa central que apoia as 38 cooperativas que produzem o cacau biológico importado pelo Comércio Justo. Fundada em 1977, em La Paz, é uma das cooperativas históricas do Comércio Justo e, numa área muito explorada por intermediários, visa melhorar as condições de vida de cerca de 800 famílias.